http://doi.org/10.14393/REVEDFIL.v39a2025-81809

A escola pública, sempre, sempre... e a amizade que nos une!

Elizabeth Lannes Bernardes[*]

Maria Vieira Silva[**]

Myrtes Dias da Cunha[***]

Silvana de Assis Pitillo[****]

> *[...] a memória é um processo individual, que ocorre em um meio social dinâmico, valendo-se de instrumentos socialmente criados e compartilhados. Em vista disso, as recordações podem ser semelhantes, contraditórias ou sobrepostas. Porém, em hipótese alguma, as lembranças de duas pessoas são – assim como as impressões digitais, ou, a bem da verdade, como as vozes – exatamente iguais*
> (Portelli, *Tentando aprender um pouquinho*).

A epígrafe em tela é emblemática da complexidade que envolve a realização de um ato memorialístico para homenagear a uma amiga que nos deixou inesperadamente! Memórias são incompletas e complexas,

[*] Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Professora em Universidade Federal de Uberlândia (UFU). E-mail: elizabethbernardes@ufu.br. Lattes: http://lattes.cnpq.br/1650097101301781. ORCID: https://orcid.org/0000-0001-5964-6744.

[**] Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Professora titular em Universidade Federal de Uberlândia (UFU). E-mail: mvieiraufu@gmail.com. Lattes: http://lattes.cnpq.br/0726794592785841. ORCID: https://orcid.org/0000-0002-4510-0844.

[***] Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Professora aposentada pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). E-mail: myrtesufu@gmail.com. Lattes: https://lattes.cnpq.br/7883086091263511. ORCID: https://orcid.org/0000-0002-5376-3736.

[****] Doutora em História pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Professora em Colégio Ressurreição Nossa Senhora (CRNS). E-mail: silvanapitillo@gmail.com. Lattes: http://lattes.cnpq.br/4265094710092700.

resultam de experiências distintas, mesmo quando os acontecimentos lembrados aparentemente são os mesmos; são constituídas de afetos que se formam nos hiatos entre o processo existencial vivenciado e o envolvimento humano com a vida e a morte.

Desafio enorme foi formular um eixo de escrita que sintetizasse a dialética esquecimento-lembrança e constituir uma homenagem à vida de uma grande mulher ao longo de quase seis décadas de existência [Sandra faleceu em 6 de agosto de 2024 e completaria 59 anos no dia 21 do mesmo mês]. Pretendemos também neste texto corresponder ao convite da Revista *Educação e Filosofia*, publicação dos Programas de Pós-graduação em Educação e Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) para prestar uma homenagem à vida de Sandra Cristina Fagundes de Lima, uma querida e inesquecível amiga.

Este escrito reúne partículas de uma amizade que nos reuniu no trabalho docente e nos espaços e tempos compartilhados na vida em geral. Benjamin (1994, p. 37) considerava contar histórias uma arte, uma experiência infinita: "[...] pois um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo o que veio antes e depois".

Assim, diante da infinitude das lembranças e da angústia vivenciada quando devemos selecionar aspectos das memórias a serem destacadas, este texto oferece registros de aspectos vividos por Sandra, muitos deles compartilhados conosco.

Le Goff (1990) afirma que memória e identidade são inseparáveis. Por isso, nosso intento é mais do que sublinhar feitos pessoais e percursos acadêmicos vividos por Sandra, mas apreender e destacar elementos de sua história que contribuem para compor uma identidade pessoal e social. Não apresentamos uma cronologia de sua trajetória acadêmica, mas registramos posicionamentos de Sandra, uma mulher extraordinária e profissional comprometida com o trabalho docente, ao refletir sobre sua história pessoal e profissional. Não se encontrará aqui menções a acúmulo de títulos ou postos de poder, nem a produtos acadêmicos, honrarias e participações em

eventos sofisticados, mas passagens da vida de Sandra, extraídas por nós de seu memorial[1], memorial referenciado na história e na literatura.

Parte do título do presente texto – *A escola pública, sempre, sempre...* – repete o título da primeira seção do memorial e sublinha a importância do espaço escolar na vida de Sandra e dos filhos da classe trabalhadora:

> Penso que um episódio que marcou a minha formação no primário, posto que me lembro até hoje, tenha sido a leitura de Dom Quixote. Em nossa casa não tínhamos livros infantis, apenas os escolares, didáticos e, portanto, a minha iniciação na literatura se deu na escola. Gostei demais do Dom Quixote, uma edição adaptada para a infância. Era uma leitura obrigatória na escola e o livro deveria ser adquirido pelos pais. Não me lembro em que ano e nem em que série escolar eu o li (também não sei qual era a edição e nem o autor da adaptação), apenas sei que foi no primário e sei também que adorei. Ficava fascinada pelas aventuras do cavaleiro errante, pelas suas aventuras e trapalhadas juntamente com o seu fiel escudeiro, o simplório Sancho Pança. Depois de adulta, li novamente o Dom Quixote, aí já numa edição normal e, posteriormente, li para o Gabriel, meu filho, o Dom Quixote das crianças, de Monteiro Lobato, em uma edição ilustrada [...] (Lima, 2020, p. 13).

O excerto apresentado acima enfatiza a importância da escola pública na formação de Sandra, deixando-lhe marcas pessoais e profissionais indeléveis. Sobre a importância da escola pública na formação dos sujeitos, Saviani (2005) afirma, de forma reiterada, a relevância do espaço escolar para as crianças da classe trabalhadora: uma formação que deve estar fundada no conhecimento, conectada com a

[1] Memorial descritivo intitulado *De Tudo Fica um Pouco*, apresentado à Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia (Faced-UFU), como requisito parcial para a promoção à classe de professor titular da Carreira do Magistério Superior, em 2020.

alegria do aprender, com a valorização da cultura e com a necessidade de transformação pessoal e social (Snyders, 1988).

Em tempos de precarização e abandono da escola pública como temos vivenciado no presente, resgatar a importância da educação pública para a democratização do conhecimento é tarefa fundamental. Trata-se de garantir uma ampla formação – ética e estética – para todas as pessoas, especialmente para os filhos das classes subalternas, historicamente expropriados dos bens materiais e culturais, produzidos pela humanidade. A respeito de sua formação na educação básica, Sandra escreveu:

> [...] com relação ao segundo grau (cursado em Londrina, no Paraná, cidade para onde nos mudamos em 1979), eu me lembro da arquitetura da escola, de toda a sua infraestrutura, da Denise, da Sônia e da Ângela, colegas de sala nos três anos do 2º grau, e de alguns excelentes professores. Da professora de inglês, por exemplo, eu me lembro das aulas muito organizadas e do livro contendo a lista de verbos. Também me lembro do professor de química orgânica, cujas aulas eram tão boas que me fizeram aprender a matéria, algo importante em se tratando de uma aluna que não gostava das ciências exatas. Havia ainda o de biologia, o Prof. Pardal, apelido que lhe demos em alusão ao excêntrico cientista, personagem dos desenhos da Disney. Nas aulas de botânica, o Prof. Pardal nos levava ao "museu de ciências naturais", ou seja, um pequeno jardim na entrada da escola, onde, a partir da experiência concreta, ensinava o conteúdo. Embora eu me recorde de muitos aspectos das aulas desses três professores, lembro até mesmo de suas fisionomias, esqueci os seus nomes e os anos específicos nos quais tive as suas aulas (Lima, 2020, p. 13).

Esses fragmentos da memória de Sandra proporcionam-nos deleites, transportam-nos para espaços por ela vivenciados e nos remetem a pensar no sabor do saber e na escola como espaço-tempo de formação e de aprendizados inesquecíveis. Ao recorrer ao *Dicionário Etimológico da*

Língua Portuguesa, organizado por José Pedro Machado, encontramos a raiz da palavra "saber" no latim *sapere*, cujo significado relaciona-se com "ter gosto; exalar um cheiro, um odor; perceber pelo sentido do gosto"; ou em sentido figurado, "ter inteligência, juízo; conhecer alguma coisa, conhecer, compreender, saber". A palavra sabor, segundo esse dicionário, também deriva do latim *sapore*, "quer dizer gosto, o sabor característico de uma coisa, em sentidos próprio e figurado; [...] coisas de bom gosto; odor, perfume; gosto, ação de provar [...]". Assim,

> As primeiras acepções do verbo *sapere* são todas ligadas a sabor, ao paladar: o substantivo *saporis*, surgiu como derivado de *sapere*. Então, em latim, o saber propriamente dito, ligado ao intelecto e ao conhecimento, nasceu mais tarde por extensão figurada de sabor.

A relação entre sabor e saber revela sua conexão intrínseca e nos leva a pensar sobre o potencial do saber em promover o conhecimento e a alegria aos sujeitos.

Sandra também descreve seu encantamento – seu gosto – pela literatura e pela biblioteca, por ela adjetivada como "templo":

> Nesse período eu conheci a Biblioteca Pública de Londrina. Para uma jovem como eu, que saíra de Quirinópolis, uma cidade minúscula no interior de Goiás, onde nem na escola havia livros à disposição dos alunos, tal biblioteca era como um templo, o prédio enorme, com um acervo vastíssimo. Ah, como eu gostava daquele lugar! Sempre que podia eu a visitava, ou para ler ou para tomar emprestada alguma obra. Nessa época eu gostava da literatura brasileira: Érico Veríssimo e Jorge Amado eram os meus autores prediletos. Li também dois romances de Marguerite Duras, dos quais não me lembro os títulos agora. Ao nos mudarmos para Uberlândia, em 1982, logo procurei a biblioteca pública para fazer a minha inscrição e até bem pouco tempo eu a frequentava. Aos poucos fui ampliando o repertório e passei a ler Victor

> Hugo, Charles Dickens, Flaubert, Emile Zola, Dostoievski, Proust. Nessa fase, eu preferia os autores estrangeiros aos brasileiros. Alguns anos depois me reconciliei com os nossos autores e daí li João Guimarães Rosa, Graciliano Ramos, Euclides da Cunha, dentre outros. Posteriormente desenvolvi o interesse pela literatura dos brasileiros exilados e li Fernando Gabeira e Alfredo Sirkis (Lima, 2020, p. 14).

O excerto anterior também ilustra a "alegria cultural" (Snyders, 1988) de Sandra com a literatura, seu gosto pela leitura de escritores brasileiros e estrangeiros; talvez esse seja um importante balizador de sua formação contextualizada, ativa, crítica, problematizadora, portadora de profundo significado social e sentido pessoal.

> Em 1989 tomei posse na UFU na carreira dos técnicos administrativos e adivinhem onde fui lotada? Sim, na biblioteca do Campus Santa Mônica. Por trabalhar no setor de circulação, responsável pelo empréstimo e guarda de livros, eu tive acesso a boa parte do acervo e, embora não tivesse tempo para ler tudo o que desejava, o simples fato de ter os livros nas mãos e poder folheá-los minorava o tédio do trabalho (Lima, 2020, p. 14).

E o tédio no trabalho? Sandra, com sinceridade e franqueza peculiares, na passagem acima, também registra a face entediante do trabalho e a busca por diminuir o aborrecimento vivido, proporcionada pela leitura e até mesmo pelo manuseio dos livros. O compromisso com sua formação, uma visão e um posicionamento crítico frente ao trabalho desenvolvido, bem como as inconformidades com rituais desumanos e jogos de poder no espaço acadêmico, marcaram toda a trajetória de Sandra.

A face negativa do trabalho, com a qual Sandra se indispunha, incita-nos a pensar sobre a dialética do trabalho, na relação teoria-prática e a necessidade de superação do sofrimento e da dominação presentes nas atividades laborais, em uma luta incessante para vivenciá-lo como *poíesis* – atividade mediadora da relação entre seres humanos e a realidade humano-

social. Nas memórias de Sandra, encontramos elementos humanizadores do trabalho desenvolvido, manifestações da *poíesis* construída:

> Gostava dos livros de história e historiografia, de literatura, mas também ficava fascinada com as lindas publicações ilustradas de história da arte e dos álbuns fotográficos; havia um maravilhoso de fotos de Pablo Picasso feitas por Cartier-Bresson. A partir dos anos 1990, comecei a me interessar pela poesia, um gosto que foi amadurecendo lentamente e que até hoje cultivo. Além disso, havia a paixão pelo cinema, sempre um prazer! Assim, da escola primária cheguei aos livros, dos livros conheci as bibliotecas e nessas encontrei mais livros e com esses tenho procurado me humanizar (Lima, 2020, p. 14).

A *poíesis* e a beleza também se expressam nos aprendizados acadêmicos de Sandra:

> [...] o primeiro ano de graduação me proporcionou, além de aprendizagens dos conteúdos específicos das disciplinas, o início de amadurecimento no tocante aos assuntos da política e da própria sociedade. Poucos professores comentavam sobre política, no entanto, dentre esses alguns, tais como a professora de historiografia, eram impetuosos nas críticas; falavam com muita propriedade sobre a censura, os presos políticos, enfim sobre a repressão. Assuntos que não faziam parte das conversas em casa e tampouco com amigos. *Assim, o ingresso na Universidade foi o meu passaporte para a vida adulta, para o contato com um Brasil que eu ignorava*. Mas não só o Brasil era desconhecido para mim, a teoria social também me era uma ilustre incógnita. Ao começar a ter contato com alguns pensadores *fiquei em estado de encantamento*. Lembro, por exemplo, do fascínio que me invadiu quando, pela primeira vez, ouvi um de meus professores comentar o Discurso sobre a origem da desigualdade, de Rousseau (1989). Naquela noite, durante a viagem de volta para casa, eu só pensava em como a sociedade era injusta e em como a

> propriedade privada era a "causa" de toda pobreza, opressão e violência. Rousseau, Rousseau, Rousseau... era só nele que eu pensava. Comentei essa aula "revolucionária" com alguns colegas na perua, mas eles não me deram ouvidos. Estavam preocupados com outros assuntos... *A partir de então fui tomada pela convicção de que a sociedade era injusta, o acúmulo de riquezas era uma violência e que o lado dos pobres, como eu, deveria ser sempre o da esquerda*. Não obstante o inconformismo que tal revelação engendrou, esse conhecimento não foi suficiente para que eu agisse concretamente para combater a injustiça social. [...] naquele momento, foi lançada a semente da revolta ante à distribuição desigual da riqueza e a consequente exploração do homem pelo homem, que até hoje é minha companheira (Lima, 2020, p. 14, grifos nossos).

O "estado de encantamento" reportado por Sandra, assim como o "fascínio" que vivenciou ao acessar análises acerca do "Discurso sobre a origem da desigualdade", são emblemas da "alegria cultural" (Snyders, 1988) e ressaltam como o saber elaborado na Universidade pode ajudar os estudantes a confrontarem-se com o mundo e ampliar seus horizontes, a ponto de reconhecer e questionar conexões entre o cotidiano vivido, os conhecimentos adquiridos e as possibilidades de transformação de si e do mundo, seja em termos de teorias e concepções ou em termos éticos e impasses reais (Vieira; Almeida, 2017). As experiências de Sandra exemplificam como a formação amplia as possibilidades humanas:

> No último ano do curso, em 1988, em uma das disciplinas na qual estudávamos Brasil Contemporâneo, o professor indicou a leitura de *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*, um dos textos que compõe o volume 1 de as Obras escolhidas de Benjamin (1986). Como eu havia adquirido esse livro em 1986 não precisei recorrer ao texto fotocopiado e, antes de iniciar a leitura do texto indicado, folhei o exemplar e me detive no capítulo denominado "A imagem de Proust"; Benjamin havia traduzido a obra do escritor

> francês para o alemão. Ao ler o primeiro parágrafo, no qual Benjamin apresenta a obra, fiquei deslumbrada (Lima, 2020, p. 14, grifos nossos).

A passagem anterior conecta-se às afirmações de Vieira e Almeida (2017, p. 507) acerca de teses snyderianas sobre a alegria do/no aprender e a importância do professor no processo de ensinar-aprender:

> Para que o estudante experimente a alegria cultural é preciso que o professor aborde questões que dizem respeito à vida, à realidade social e natural que envolve a todos. De outro modo, o professor concorre para abandonar seus alunos no banho morno das doutrinas e ideologias dominantes. Para que o saber ensinado na universidade promova alegria, é requerido do professor, juntamente com os estudantes, um esforço conjunto para se penetrar no âmago das coisas, o que é possível com a intervenção de dados, de conhecimentos históricos, psicológicos, sociológicos etc. Isto porque o mesmo deita raiz nas grandes descobertas que marcam épocas passadas e o presente.

O "esforço para penetrar no âmago das coisas" é uma qualidade de raras pessoas. Sandra possuía esse atributo em abundância e o utilizava de forma natural. Ao relatar sua primeira aproximação com a obra de Benjamim, registra seu deslumbramento com o capítulo denominado "A imagem de Proust":

> A partir de então, eu só pensava nesse "Nilo da linguagem" e na urgência em navegá-lo. Então ganhei do Júlio (pai do Gabriel, meu filho) o volume 1 de Em busca do tempo perdido [...] e, nas poucas horas de folga, eu me ocupava quase exclusivamente com a sua leitura. Fiquei tão envolvida com Proust que quase não me formei naquele ano. Nos anos subsequentes, li todos os 7 volumes da obra [...] um volume extra publicado posteriormente [...] os comentários publicados em português aos quais tive acesso e mais duas obras anteriores de Proust. Até ler Proust, eu não imaginava que fosse possível traduzir em palavras

> impressões, sensações e sentimentos muito subjetivos, para mim tão inefáveis, tais como: a relação entre a memória e os sentidos; o encantamento com a luz do sol e os diferentes matizes que a inclinação dos seus raios imprimia na natureza; a necessidade e, concomitante e contraditoriamente, o sofrimento provocados pelo hábito; as sutilezas do caráter expressas em gestos e palavras furtivas; os tormentos e as fixações engendradas por um amor não correspondido; o esgotamento físico-emocional produzido pelo ciúme... A lista é quase interminável (Lima, 2020, p. 14).

Sandra evocava, com grande agilidade, passagens do cotidiano como epígrafes para análises políticas e críticas de acontecimentos de nosso tempo. Sua imersão nos clássicos da literatura e da historiografia – aliada a uma sensibilidade à flor da pele – possibilitou compreensão profunda sobre "a história dos costumes, as intrigas no cotidiano da nobreza decadente e o arrivismo social dos burgueses" (Lima, 2020, p. 14), mas também formou suas lentes analíticas para indagar acontecimentos, problematizar fatos cotidianos e descortinar domínios da capilaridade do poder.

> De Rousseau a Proust, eis o itinerário de minha formação em História, a qual eu atribuo primeiro a condição que me facultou o ingresso na docência no ensino fundamental, médio e depois superior. Da graduação, portanto, resultou a minha profissionalização. Pelo fato de ser oriunda de uma família sem recursos materiais, sem possibilidade de herdar pequena ou grande fortuna, foi por meio do curso superior que consegui reunir as condições necessárias para obter um emprego melhor remunerado e com isso superar o ciclo de pobreza que envolvia a origem social dos meus pais. Em segundo lugar, mas não numa dimensão hierárquica, devo à graduação em História a formação que me possibilitou aguçar a sensibilidade e poder apreciar ainda mais a literatura (Lima, 2020, p. 14).

Após uma consistente formação em nível de pós-graduação, a UFU foi afortunada em receber Sandra em seu quadro de docentes da Educação Superior.

> Os dois governos de Fernando Henrique (1° jan. 1995 a 1° jan. 2003) foram marcados por anos de muitos ataques à escola pública, mas também assistiram à luta e resistência dos servidores das universidades federais para impedir que as reformas neoliberais e suas sucessivas políticas de sucateamento da escola pública liquidassem definitivamente com as IFES. Em suma, o movimento sindical buscava deter o completo desmonte da carreira docente, bem como da própria universidade como instituição pública. Saímos vitoriosos, haja vista que hoje estamos aqui nessa universidade federal, mas uma vitória fragilizada uma vez que parte do que havia sido destruído não pode ser novamente conquistado. Foi, portanto, esse o contexto no qual ingressei na UFU e, mesmo a despeito de todas essas vicissitudes, fiquei muito feliz pela conquista, afinal eu queria continuar os estudos, desejava fazer pesquisas e não pretendia ficar restrita apenas à sala de aula como era a minha situação na FIT [Faculdades Integradas do Triângulo]. Por mais que eu gostasse de ensinar Introdução às Ciências Sociais, eu almejava construir uma carreira docente a qual não se realiza sem as condições mínimas para a capacitação e a pesquisa, e naquele momento eu não vislumbrava essa perspectiva na iniciativa privada (Lima, 2020, p. 42, acréscimos nossos).

Além de suas contribuições no âmbito da graduação, Sandra atuou com destaque na pesquisa e na formação de pesquisadores no âmbito da pós-graduação:

> Ingressei no PPGED em 2006 e, desde então, de forma descontínua, tenho ministrado disciplinas eletivas, com exceção do 2° semestre de 2009, quando assumi Pesquisa em Educação, obrigatória para a linha de História e Historiografia da Educação. Em

> tais disciplinas, tenho procurado conferir ênfase aos temas que subjazem às abordagens teórico metodológicas segundo as quais procuro orientar os alunos em dissertações e teses, assim como aqueles que perpassam os projetos dos demais alunos da linha e as minhas próprias pesquisas. Nesse sentido, com fundamento nos pressupostos da História Cultural, tenho discutido as questões relativas às noções de cultura, cultura escolar, memória, práticas e representações. Essas noções (ou categorias, ou áreas, ou temas, ou conceitos...) provém em parte da história e constituem algumas das abordagens apropriadas e privilegiadas pela história e historiografia da educação no tocante a conceitos, categorias, fontes de pesquisa, autores, dentre outros aspectos (Lima, 2020, p. 42).

Após 26 anos de exercício da docência, Sandra apresentou um balanço das dificuldades e dos desconfortos que a assolavam diante do contexto de produtivismo exacerbado e do uso frenético de dispositivos tecnológicos na educação:

> Penso que diante da pletora de publicações que invadiu as prateleiras das livrarias e bibliotecas e da consequente premência em acompanhar o ritmo frenético das produções veiculadas por esse incansável mercado editorial, nas duas últimas décadas do século XX, já não havia tempo para ler um livro completo e daí o acesso a apenas algumas de suas partes ou capítulos. Ainda assim, de fragmento em fragmento, passeávamos por um universo de autores, conceitos e críticas. Tal universo parece estar se esvaindo nesse novo milênio, uma vez que, no início do século XXI, vejo em curso outra mudança nas práticas de leitura no interior da universidade que recai mais uma vez no suporte, esse foi do impresso à tela do celular; percebo que, para muitos alunos, nem houve a transição do texto à tela do computador, posto que foram direto para a micro tela do aparelho móvel de telefone que se tornou um dos "objetos escolares" mais usados durante as aulas (Lima, 2020, p. 42).

Suas análises – em grande medida desconcertantes para os adeptos do produtivismo e do uso da tecnologia desprovidos de questionamentos sobre seus limites – trazem elementos importantes para desestabilizar a naturalização de um *modus operandi* instalado nas salas de aula no tempo presente.

> Como resultado do celular como suporte de leitura dos textos, tenho constatado uma crescente dificuldade apresentada por muitos alunos em apreender os conteúdos daquilo que leem e de construir sentidos relacionais entre o lido, o discutido e apreendido durante as aulas. Se do livro ao texto impresso resultou uma fragmentação, desse à minúscula tela tem se operado uma redução vertiginosa na capacidade de compreensão e mesmo de mera reprodução ou transposição escrita do conteúdo. O aluno que realiza a leitura de forma cada vez mais recortada, sintética, aligeirada tem produzido resultados frustrantes, dada a superficialidade, seja em suas avaliações, monografias de conclusão de curso, dissertações e teses (Lima, 2020, p. 42).

Outra qualidade de Sandra era a sua capacidade de realizar conexões entre os planos micro e macrossociais. Atenta aos dilemas advindos da relação entre as novas tecnologias e a formação de sujeitos cognoscentes, pontua dificuldades vivenciadas no processo educativo convulsionado por novas tecnologias de informação e comunicação que são utilizadas como meio e fim do ensinar-aprender, transformando, assim, o que é processo, relação e construção em eternos recomeços isolados e descolados entre si, situação que impede a formação:

> Claro que situo essas mudanças no âmbito da denominada "revolução tecnológica" que parece estar sempre no início, uma vez que a acelerada obsolescência de seus equipamentos e produtos não nos tem permitido elaborar uma compreensão que dê conta das mudanças no sentido de um processo. A impressão que tenho é a de que a cada novo aparelho de telefone,

> ou de *software*, ou de aplicativos ou de plataformas digitais começa-se uma nova era que convulsiona a sociedade, brevemente se descola da anterior e elimina as suas marcas, para em seguida dar lugar a outra novidade. Perfaz-se um movimento de eterno recomeço onde o que interessa é a novidade, ainda que efêmera. Nesse processo, os alunos não encontram tempo para desacelerar, refletir e estabelecer correlações entre os fragmentos que lêem, pois estão sempre a recomeçar e a deslocar a atenção, uma vez que no celular, além do texto, tem também a conexão com as redes sociais e com as legendas das imagens de um mundo em convulsão exposto nos posts do *facebook, instagram, twitter, whatsapp* e outros que já devem estar a caminho.... Deve-se ainda considerar que esse aluno hiper conectado é também aquele de quem nos tornaremos orientadoras de TCC, iniciação científica e que, posteriormente, poderá ingressar na pós-graduação para tornarem-se nossos orientandos de mestrado e doutorado (Lima, 2020, p. 42).

Apresentou-se como um grande desafio tentar reter, nestas linhas, memórias de nossa inesquecível amiga Sandra. Destacamos fragmentos de seu percurso para que elementos de sua rica história persistam e resistam ao esquecimento e a um injusto processo de apagamento de sua admirável existência. Conforme Le Goff (1990), a memória e a identidade são indelevelmente inseparáveis, já que a identidade, individual ou coletiva, é construída a partir de memórias. Desse modo, as memórias não apenas participam da construção do próprio sujeito, como também se tornam instrumento essencial para manter viva a presença do outro na lembrança de quem o evoca. É por meio delas que os amigos que partiram seguem habitando a memória e o afeto dos que ficam.

Por meio da apresentação de partes de seu Memorial, pudemos ressaltar um pouco de seu admirável percurso formativo. As palavras de Sandra ajudaram-nos a compor o presente texto como "águas de memória", para que elementos de sua rica história persistam e resistam ao esquecimento e a um injusto processo de apagamento: apresentamos um

breve recorte de suas memórias para que se tornem fluxo de águas, riachos que confluem para o mar das histórias "inapagadas".

> Águas de memória! Depois de dobrar a nona curva a caminho da geografia de um rio maior do que eu a caminho do mar, os rios de outras terras costumam esquecer o chão de onde vieram. Eu, nunca. Viajei demasiado até aqui e das minhas origens de nada esqueço. Eu movo as águas escritas de minha inapagada história (Brandão, [s.d], p. 25).

Sandra era mobilizada pela urgência de viver! Seus afluentes profissionais percorridos no chão da escola pública, do primário à pós-graduação, substantivados em sua história como um todo, estão ancorados no compromisso com sua origem e com a educação:

> Homens "tristes, apressados, sonâmbulos, desacordados andando na escuridão", tão preocupados com os números e tão distantes das pessoas..., é disso que tentei e ainda continuo tentado me afastar e que espero ter deixado expresso nesse memorial, cuja narrativa constituiu-se em virtude de no meio do caminho sempre ter havido uma escola pública: no começo, no meio, no fim e sempre..., sempre uma escola pública. Portanto, o que constou das páginas precedentes resulta daquilo que pude fazer a mim mesma e também aos outros (meus alunos, orientandos, colegas de trabalho...) a partir de tudo o que a escola pública fez por mim e em mim (Lima, 2020, p. 83).

Em nossas lembranças Sandra se faz presente como uma pessoa intensa e luminosa. Desassossego, senso de justiça e sensibilidade, entrecortados pelo trabalho com a História, a Historiografia, e por uma profunda admiração da literatura, especialmente a poesia, acompanharam a discreta, corajosa e admirável existência de Sandra, uma amiga para sempre!

Em reverência a sua inefável presença em nossas vidas, prestamo-lhe esta homenagem, signo de profunda admiração e muitas saudades. Um pequeníssimo reconhecimento pelo muito que ela compartilhou: filmes,

poesias, viagens, caminhadas, piadas, risadas, incredulidades e tudo mais que compõe a substância da vida, matéria prima que produz antídotos às distopias e à desumanização.

Sandra era profunda admiradora da beleza, de todos os tipos, em todos os lugares, de todas as formas. Não suportava a superficialidade, era impaciente com as mesmices e ligeira para estabelecer relações e conclusões. Gostava de simplificar ou de se desvencilhar das obrigações desimportantes. Sandra foi uma belezura de ser humano, gigante baixinha invocada: mãe amorosíssima do Príncipe do Sol-Gabriel; a filha-amiga da Janete; a irmã-mãe da Sílvia, do Fabiano e da Fabiana; a esposa amorosa do Enézio; a irmã do Paulo e do Nicanor, seus cunhados; a professora dedicada com os estudantes, a amiga generosa, afetuosa e inesquecível para cada uma de nós e para todos os seus amigos!

Referências

BENJAMIN, Walter. A imagem de Proust. *In*: BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas*: magia e técnica, arte e política – ensaios sobre literatura e história da cultura. vol. 1. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986. p. 35-49.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Tambre. *In*: BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Veio no Vento*: um olhar a vida entre a poesia e a antropologia. Série Folhas ao vento. [online], 2018. Disponível em: https://apartilhadavida.com.br/wp-content/uploads/escritos/ARTE/FOLHAS%20AO%20VENTO/VEIO%20NO%20VENTO%20-%20folhas%20ao%20vento.pdf?_wpnonce=58fcbff846. Acesso em: 7 jun. 2025.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Trad. Bernardo Leitão *et al*. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

LIMA, Sandra Cristina Fagundes de. *Memorial acadêmico*: de tudo fica um pouco. Memorial Descritivo (Promoção à Classe de Professor Titular da Carreira do Magistério Superior) – Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2020. Disponível em: https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/29448/3/Memorialrevisadofinal.pdf. Acesso em: 11 jun. 2025.

PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na História Oral. *Projeto História*, São Paulo, v. 15, p. 13-49, 1997.

Disponível em: https://www4.pucsp.br/projetohistoria/downloads/revista/PHistoria15.pdf. Acesso em: 15 jul. 2025.

SAVIANI, Dermeval. *Pedagogia histórico-crítica*: primeiras aproximações. 9. ed. Campinas: Autores Associados, 2005.

SNYDERS, Georges Elmer. *A alegria na escola*. São Paulo: Manole, 1988.

VIEIRA, Renata de Almeida; ALMEIDA, Maria Isabel. Contribuições de Georges Snyders para a pedagogia universitária. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 43, n. 2, p. 499-514, 2017. Disponível em: https://revistas.usp.br/ep/pt_BR/article/view/136767. Acesso em: 15 jul. 2025. DOI: https://doi.org/10.1590/s1517-9702201605141169.